



**O “CAMPO” ENQUANTO LOCAL DE ENCONTROS INTERESPÉCIES:
SOBRE TRATADORES E ANIMAIS EM ZOOLOGICOS**

***The “field” as a place of interspecies encounters:
on animals and zookeepers in the zoos***

Matheus Henrique Pereira da Silva
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do
Pará (PPGSA - UFPA), Brasil.
Email: matheusk11@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 298-326, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

O presente artigo trata de uma etnografia no Serviço de Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emilio Goeldi, localizado na cidade de Belém (PA), acerca das experiências interespecíficas entre os profissionais nomeados tratadores e os animais cativos que constituem uma coleção natural do parque. Aqui descrevo e problematizo o trabalho no campo através desses encontros e práticas conservacionistas nas espacialidades dos recintos de animais. Reflito ainda sobre as implicações da conservação das espécies, do controle e da organização dos indivíduos por meio da estrutura das instalações e da arquitetura, bem como trato das possibilidades de realização de uma etnografia interespecies no ambiente cativo. Isso permite repensar o “campo” enquanto local de encontros interespecies: são inseparáveis as espécies heterogêneas, as coisas, os objetos e as práticas, que estão articulados no zoológico, onde humanos e não humanos se reúnem através de culturas, políticas e naturezas.

PALAVRAS-CHAVE:

Animais. Tratadores. Parque Zoobotânico. Amazônia.

ABSTRACT:

This article deals with ethnography in the Zoobotanical Park Service of the Emilio Goeldi Paraense Museum, located in the city of Belém (PA) about the interspecific experiences between the professionals appointed as zookeepers and the captive animals that constitute a natural collection of the Park. Here I describe and problematize the work in the field through these meetings and conservation practices in the spatialities of animal enclosures and the implications on the conservation of species and control and organization of individuals through the structure of the facilities and architecture, as well as the possibilities of carrying out an interspecies ethnography in the captive environment. This allows us to rethink the “field” as a place of interspecies encounters, inseparable from heterogeneous species, things, objects and practices for which they are articulated in the zoo, where humans and non-humans come together through cultures, politics and natures.

KEYWORDS:

Animals. Zookeepers. Zoobotanical Park. Amazon.



A FAUNA DO PARQUE ZOOBOTÂNICO¹

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), popularmente conhecido como Museu Goeldi, é uma instituição pública fundada em 1871, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações do Brasil do Governo Federal (MCTIC), situado na cidade de Belém, capital do estado do Pará. O MPEG conta atualmente com três bases físicas: o Serviço de Parque Zoobotânico com uma área de 5,4 hectares, que está situado no bairro de São Brás, centro de Belém (PA); o Campus de Pesquisa do MPEG no bairro da Terra Firme, também em Belém; e a Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn) na Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço, Arquipélago do Marajó.

A base mais antiga – e foco deste estudo –, o Serviço de Parque Zoobotânico (SPZ), foi fundada em 1895, sendo a mais antiga do Brasil no seu gênero. O zoológico é fundamental na formação de elementos da identidade paraense e amazônica (SANJAD et al., 2012), já que se associa ao intuito de conservar os ecossistemas amazônicos. Registra-se ali uma parcela representativa da riqueza da fauna e da flora locais, e a maioria das espécies do local se encontra ameaçada de extinção.

Sobre as coleções naturais, o parque dedica atenção especial a cada uma de suas três coleções, Flora, Fauna e Prédios e Monumentos, cuidado que é feito cotidianamente por seus curadores e equipes de biólogos, jardineiros, veterinários, engenheiros e arquitetos. A coleção viva atualmente é formada por animais vítimas do desmatamento e do tráfico ilegal, trazidos por órgãos ambientais, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ou o Batalhão de Polícia Ambiental (BPA). A importância do parque no contexto urbano, em termos de conservação da biodiversidade amazônica, está no fato de que apresenta um papel significativo para a conservação *ex situ* de espécies animais (fora do ambiente do ambiente natural).

O SPZ possui 21 viveiros, onde se encontram exemplares da fauna amazônica como onças, macacos, araras, antas, jacarés, ariranhas, poraquês, cobras, garças, guarás, tucanos, mutuns, jacus, tartarugas, tracajás, jabotis, pavões-do-Pará, dentre

¹ Agradeço aos tratadores por permitirem acompanhar suas atividades e pela generosidade, cordialidade e paciência durante a pesquisa. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento imprescindível à pesquisa. Aos pareceristas anônimos da Revista pelos comentários valiosos.

[†] A etnografia foi realizada durante o curso de mestrado em Sociologia e Antropologia (Ênfase) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (2018-2020) e orientada pelo prof. Dr. Flávio da Silveira a quem sou grato. O presente artigo foi elaborado a partir de uma versão escrita como trabalho final da disciplina: “Tópicos Especiais em Antropologia: Leituras sobre o fazer etnográfico: pesquisa de campo, experiência, encontros culturais”, ministrada pela profa. Dra. Edna Alencar, a quem agradeço pelo aprendizado e diálogo prolífico, junto aos demais colegas.



outros. São quase setenta espécies e mais de 2.000 indivíduos entre peixes, répteis, aves e mamíferos. Ao longo das paisagens do parque também vivem preguiças, camaleões, cutias, garças, pequenos pássaros e muitos insetos.

A Coleção da Fauna é gerenciada e cuidada pelo médico veterinário Messias Costa, que é o chefe do setor, responsável e curador da coleção viva. Tathiane Figueiredo é a bióloga responsável pelo manejo conservacionista e pelo ambulatório das espécies, e coordena junto a Messias um conjunto de jovens pesquisadores, bolsistas e voluntários. Já os tratadores são profissionais terceirizados que prestam serviço ao Museu Paraense por meio de uma empresa privada. No total, nove tratadores compõem o quadro de profissionais que trabalham com a fauna e são responsáveis pelo Setor de Nutrição, Setor Extra e Quarentena, além de diversos manejos conservacionistas e interações diárias: Benedito Barradas², Edson dos Santos (Rincón), Eduardo do Carmo, Elizete Araújo, Francislena da Silva (Franci), José Nazareno, Lucas Cauhy, Magno Ribeiro e Rodrigo Soares.

Em uma etnografia interespecies (PEREIRA DA SILVA, 2020), abordei então os entrelaçamentos entre os tratadores e os animais componentes da coleção natural. Busquei indagar como humanos e animais se constituem em seus envolvimento em termos de cuidados, éticas, performances e manejos que organizam suas vidas sociais, permitindo uma rotina de encontros e tramas nas paisagens.

Desse modo, aqui descrevo e problematizo o trabalho no campo através desses encontros e práticas conservacionistas nas espacialidades dos recintos de animais; reflito a respeito das implicações da conservação das espécies, do controle e da organização dos indivíduos por meio da estrutura das instalações e da arquitetura; bem como levanto as possibilidades de realização de uma etnografia interespecies no ambiente cativo.

Inicialmente, apresento de maneira resumida a trajetória dos tratadores no exercício de suas funções, para em seguida abordar a experiência de segui-los em sua rotina de encontros e manejos realizados no ambiente cativo, como alimentação, higienização dos viveiros, entre outras. Essa apresentação permitirá repensar o “campo” enquanto local de encontros interespecies – são inseparáveis as espécies heterogêneas, as coisas, os objetos e as práticas articuladas no zoológico, onde humanos e não humanos se reúnem através de culturas, políticas e naturezas.

² A partir da aprovação do projeto de pesquisa pelos profissionais do Setor da Fauna da Diretoria do Parque Zobotânico do Museu Paraense, os tratadores me permitiram a divulgação de seus nomes e suas imagens, para as finalidades de pesquisa e divulgação científica.





Figura 1 – Vista aérea do Parque Zoobotânico do MPEG, 2020
Fonte: Osvaldo Forte/O Liberal, 2020.

TORNANDO-SE TRATADOR(A)

Os tratadores são responsáveis pelos cuidados diários com os animais. Contribuem com os programas de manejo visando à saúde e ao bem-estar animal³ ao

³ Temple Grandin e Catherine Johnson (2010) colocam essa questão assinalando que os aspectos emocionais dos animais são fundamentais para o seu desenvolvimento, desde os aspectos mais básicos da vida até a reprodução das espécies. O chamado bem-estar animal diz respeito à qualidade de vida mental e sensitiva das espécies, bem como seu desenvolvimento. Para as autoras, melhorar a qualidade de vida dos animais (minimizar os efeitos da vida em cativeiro) é possível a partir do chamado manejo racional, ou seja, enfocando nas emoções e no comportamento natural do animal.

passo que os mantêm em exposição nos seus recintos e viveiros com diversos propósitos, como atividades educativas. O papel desses profissionais também envolve muito trabalho físico, incluindo levantar, ajuntar, carregar seus materiais de trabalho, bem como esfregar e limpar os recintos, preparar alimentos e empurrar carrinhos de mão; e mesmo auxiliar na captura e restrição de animais para propósitos biomédicos. Os profissionais também interagem bastante com os visitantes, principalmente informando ou ensinando-os algo sobre os animais.

A passagem através dos gradeados dos recintos e viveiros é necessária à sua profissão, principalmente a partir das atividades técnicas e manejos cotidianos realizados no local. Tais relações no interior dos recintos conferem ao tratador um acesso privilegiado em relação ao animal e também organizam um distanciamento relativo no ato de “guardar” o animal sob as dependências e proteções humanas – visto que o animal deve permanecer no local sob observação constante dos trabalhadores da Equipe da Fauna.

Os nove tratadores se organizam e dividem as tarefas por recintos e setores do parque. Rodrigo e Lizete são responsáveis pelo Setor Nutricional, trabalhando diretamente no preparo e na organização dos alimentos na cozinha, onde sistematizam a distribuição para os animais. France atua no Berçário e cuida dos filhotes das espécies que se reproduzem no parque. O local também é conhecido como “Preguiçário”, por tratar de espécies como preguiça-real (*Choloepus didactylus*)⁴ e preguiça-comum (*Bradypus variegatus*).

Rincón e Nazareno atuam na Quarentena, onde os animais são manejados em caso de adoecimento ou problemas afins; e no Setor Extra, onde também são manejados caso tenham que passar por um período de adaptação quando oriundos de apreensão ou doação. Além disso, os dois tratadores cuidam dos recintos dos quelônios, como é o caso da tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*), tracajá (*Podocnemis unifilis*), aperema (*Rhinoclemmys punctularia*) e muçua (*Kinosternon scorpioides*).

Eduardo cuida dos recintos dos macacos coatá-da-testa-branca (*Ateles marginatus*), anta (*Tapirus terrestris*), gavião-real (*Harpia hapyja*) e urubu-rei (*Sarcorampus papa*). Já o tratador Barradas cuida de viveiros de diferentes espécies de aves: Periquito-de-mangueira (*Brotogeris versicolurus*), jandaia-verdadeira (*Aratinga jandaya*), aratinga (*Psittacara leucophthalmus*) papagaio papa-cacau (*Amazona festiva*), papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*), papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*), papagaio-campeiro (*Amazona ochrocephala*), arara-vermelha (*Ara chloroptera*), arara-canindé (*Ara ararauna*), arara-piranga (*Ara*

⁴ A taxonomia das espécies aqui citadas está de acordo com o inventário faunístico do Parque Zoobotânico realizado no ano de 2019.



macao), arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), ararajuba (*Guaruba guarouba*), ararinha-verde (*Ara severa*), anacã (*Deropterus accipitrinus*), maracanã (*Primolius maracanã*), curica-azul (*Pionus menstruus*) e marianinha (*Pionites leucogaster*).

Por fim, Magno cuida das ariranhas (*Pteronura brasiliensis*), da onça-pintada (*Panthera onca*) e dos jacarés-açus (*Melanosuchus niger*). Porém, dependendo da demanda diária, os tratadores que vão terminando seus afazeres ajudam os companheiros de labuta nas suas atividades.

Já o tratador Lucas trabalha fixo no aquário Jacques Hubert, nome em homenagem ao naturalista homônimo. Recentemente reformado, foi fundado em 1911, e é o mais antigo do país. Sua estrutura reúne espécies representativas da fauna ictiológica da região, como: pirarucu (*Arapaima gigas*), poraquê (*Electrophorus electricus*), piramutaba (*Brachyptalystoma vaillantii*) e outros. Há répteis em meio à coleção, entre eles: matá-matá (*Chelus fimbriatus*), jiboia (*Boa constrictor*), sucuri (*Eunectes murinus*), periquitamboia (*Corallus caninus*) e teiú (*Tupinambis teguixin*), por exemplo. Devido à necessidade de haver tratadores todos os dias no parque – inclusive aos finais de semana – existe uma rotatividade de folgas; assim, todos os tratadores frequentemente realizam tarefas em outros setores.

Em meu primeiro dia de trabalho no campo acompanhando tratadores, conversei com France e Rodrigo na cozinha. O dia corria e, por volta das dez horas da manhã, os profissionais preparavam a refeição do meio dia para alguns animais com tal regime alimentar. Perguntei sobre suas profissões, há quanto tempo trabalhavam e questões afins. Lizete me respondeu que trabalhavam para uma empresa que terceirizava seus serviços para o Parque Zoobotânico, e já estava há oito anos no local. Sua avó trabalhou no parque, no sistema de limpeza, de modo que já conhecia e havia visitado muitas vezes o local anteriormente. Rodrigo me disse que já estava lá há três anos, mesmo período que Nazareno.

Nazareno atuou inicialmente na jardinagem e depois mudou para o serviço de tratador de animais. Sua experiência no local o ajudou a se inserir melhor no Setor da Fauna, pois conhecia um pouco da atividade e alguns profissionais da área. Em outro dia, conversei com Rincón, que me explicou sobre o período de adaptação à função: “Geralmente, novato que vem passar por um período de estágio com os mais antigos, a gente vai explicando, mostrando como é, aí depois eles se sente confiante pra fazer o serviço, aí já”. Em seguida, me disse que trabalhava no local há doze anos e que o veterinário Messias passava algumas instruções sobre segurança e manejo de animais, uma espécie de “minicurso preparatório”; além disso, acompanhava os tratadores veteranos na função.

Eduardo é outro veterano no local: trabalha há dezesseis anos no parque e é o segundo mais velho, tendo realizado seu aprendizado inicial com o tratador Barradas, o



mais antigo. Barradas está no Museu há 26 anos (desde 1994) e é o único que possui o curso técnico de tratador, realizado em São Paulo, no início dos anos 2000. Aos risos, me contou: “Quando comecei a trabalhar aqui, ainda tinha cabelo. Pode ver umas fotos lá com o Messias”.

O tratador contou que fez o curso a pedido do Museu, que “naquela época tinha dinheiro e pôde me mandar pra lá. Fiquei alguns dias lá”. O curso o ajudou em suas experiências com animais, embora já tivesse um bom conhecimento sobre algumas espécies, por ter caçado animais selvagens em sua juventude em Mocajuba, cidade no interior do Pará. Além disso, “não é só ganhar dinheiro, a gente tem que gostar dos animais, também.” Em seguida, retruquei: “Então o senhor gosta?” O tratador respondeu: “Muito, nem me fale, quando acontece qualquer coisa na minha área fico muito preocupado.”

Sobre esse aspecto de “gostar” de trabalhar com animais, de modo geral percebi que quase todos tratadores têm alguma afinidade com sua prática. Rincón já me disse que o trabalho “é um lazer, ruim é ter que trabalhar no sol”. Quem me disse algo semelhante foi o tratador Nazareno, que gosta de estar com os animais e classificou o trabalho como “bom”, visto que “é importante cuidar dos animais”; o “ruim é fazer força, levantar coisas, ficar no sol forte”. Quando falava, Nazareno parecia se referir também a aspectos emocionais e psicológicos. As relações que os profissionais mantêm com os animais foram destacadas por ele durante a conversa. Magno, outro tratador (há sete anos no local) me disse que o ofício era “terápico”. Lucas, que está há aproximadamente um ano no Aquário, também gosta de labutar, especificamente com peixes, tendo uma gama de experiências na área, mesmo sendo jovem. Atuou em outras empresas que tratam do manejo de peixes, e seu pai também tem experiência na área.

Houve também críticas quanto ao excesso de afazeres realizados pela equipe de tratadores, que necessitaria de mais profissionais para maior qualidade e eficiência do trabalho. Tratadores apontaram manejos que demandam o dia todo e vários profissionais, em diferentes recintos e para diversas espécies, o que pode dificultar a observação e os cuidados com animais. Quando tratadores tiram férias, um colega de profissão cobre a respectiva vaga temporariamente, como é o caso de Éder, filho de Barradas, que também demonstrou bastante experiência com animais, sendo considerado um exímio conhecedor dos animais em sua cidade natal.

No geral, todos demonstraram ter experiência com animais domésticos ou selvagens, já os tendo visto ou interagido com eles em seu cotidiano. Tratadores são profissionais cujo trabalho se relaciona a conservação e cuidado de animais da coleção do zoo. Nenhum deles fez curso superior de Biologia ou algo semelhante, o que não é exigido para as pessoas que são empregadas na área. É preciso tornar-se tratador através do aprendizado por experimentações de técnicas, da observação do comportamento huma-

no e animal em suas ações cotidianas, entre outros aspectos. Mais que isso, a profissão requer um compromisso com a transformação de suas percepções, especialmente em relação ao que compõe os mundos animais, seus hábitos e comportamentos, que estão implicados no desenvolvimento de suas habilidades de manejo.

Em certa medida, o aprendizado de um tratador novato pressupõe seguir outros colegas de profissão. Seguir uns aos outros envolve estar atento a cada relação e à experiência com animal. As práticas diárias dos tratadores estão ligadas aos diferentes atos de viver, sentir, perceber e se deslocar no zoo para a realização dos cuidados necessários à vida animal. Todos esses atos estão situados e entrelaçados com animais e humanos, estes, sempre atentos ao cuidado, ao manejo e ao bem-estar daqueles.

SEGUINDO TRATADORES E ANIMAIS

Em relação a suas atividades, os trabalhadores as dividem em torno de três eixos elementares diários, quando objetivam ir em direção aos recintos e seus respectivos animais. “A primeira coisa que a gente busca é observar os animais, se estão doentes. Se algum estiver doente, temos que levar pra veterinária. A segunda é a limpeza né, fazer a limpeza nos recintos. Aí a terceira é a alimentação que tem que dar”, me contou o tratador Barradas, enquanto atuava no recinto das aves.

Enquanto conversávamos, o tratador retirava os restos de comida do chão do recinto das ararajubas, varrendo-os com uma vassoura, e em seguida colocando-os dentro de um saco de lixo. Depois jogou a água que estava em um balde e começou a esfregar o chão do local, a parte de cimento. Sobre a parte de areia, o tratador usou um ancinho pra retirar folhas caídas e o que havia de sobras de comida.

Por volta das oito horas da manhã, o tratador terminou seus afazeres, recolheu todos os detritos e os colocou em seu contêiner. Acompanhei Barradas até o Setor da Fauna. Ao longo do caminho o tratador me contou que assim que todos terminassem suas atividades imediatas, deveriam “ajudar o Magno na limpeza do recinto do Alcindo⁵”, o jacaré-açu.

Este jacaré é um predador do topo da cadeia alimentar, um dos maiores predadores do continente. Sua distribuição é ampla pela Bacia Amazônica, podendo ser encontrado no Brasil, na Bolívia, na Colômbia, no Equador, no Peru, em algumas áreas da Guiana Inglesa e da Guiana Francesa. Em seu habitat natural, jacarés adultos de grandes dimen-

⁵ A escolha dos nomes é muito interessante, especialmente os nomes “exóticos” que parecem vincular o animal à cultura dos humanos de sua região de origem. Mullan e Marvin (1998, p. 10) apontam para três tipos de nomenclaturas animais nos zoológicos, visto que elaboram uma individualização animal: 1) Os nomes científicos escritos em latim, baseados em classificações taxonômicas internacionais usadas para a identificação do indivíduo enquanto espécie. Tais classificações, no entanto, são referentes a uma cultura científica ocidental vinculada historicamente ao trabalho técnico dos museus, ou seja, um



sões predam animais como onças e jiboias, mas sua alimentação regular é de animais pequenos e médios (peixes, tartarugas, capivaras, entre outros). Seu couro e sua carne tem grande valor comercial (MARIONI et al., 2013). O jacaré-açu ocupa ampla diversidade de áreas alagáveis, incluindo os grandes rios e suas lagoas marginais, várzeas e igapós, além de savanas sazonais inundáveis.

O animal é um dos habitantes mais antigos do Parque (72 anos), pesando cerca de 500 quilogramas e medindo 4,5 metros. Chegou ao local na década de 1950, quando um fazendeiro o trouxe da ilha de Marajó. Em seu recinto habitam três exemplares, sendo Alcindo o mais velho e um dos símbolos da coleção viva local.

Normalmente os profissionais limpam a cada quinze dias o recinto dos jacarés, período em que a água dos tanques está mais suja com lama e folhas, quando se faz necessária a presença de todos os tratadores, por ser uma tarefa que exige maior esforço. Acompanhei o tratador Magno, que, ao chegar ao local, se comunicou com Alcindo: “E aí Alcindão, o cara”. Segundo outros membros e o próprio tratador, o animal reconheceria a sua voz devido aos cuidados rotineiros realizados. A espécie possui aguçada visão e audição, sendo exímios caçadores noturnos.

O esvaziamento durou cerca de vinte minutos, o tempo habitual. Enquanto o tanque secava, Magno buscou seu material de limpeza com outros tratadores. Alcindo, que fica separado dos outros dois animais em um lado do recinto, estava parado na parte do tanque mais próxima aos visitantes. Perguntei se era perigoso realizar a limpeza com os animais ali, e Magno respondeu: “Não, porque como é um bicho pesado, sem água ele não consegue se mexer muito.” Mesmo com a entrada do tratador, o animal não pareceu se importar. Então, entrei no recinto, atendendo ao pedido de Magno, que começou a retirar a água empoçada e depois a lama, o lodo, folhas e galhos que se acumulam no período até a limpeza. Magno colocava tudo em um contêiner com um saco apropriado.

Chegaram Barradas, Rincón e Nazareno, e logo estavam limpando o lado do recinto em que estava Alcindo. Eduardo limpava o lado em que havia os outros dois animais. Enquanto isso o público não parava de chegar e as pessoas olhavam atentamente os tratadores e, sobretudo, Alcindo. Algumas pessoas perguntavam se o animal não iria mordê-los, ou se não se mexia, e os tratadores explicavam. Aproveitei o momento e fiz algumas imagens dos profissionais extremamente próximos aos animais, de maneira que

arranjo cultural particular que tende a/intenta suplantam classificações locais e evocam uma autoridade do latim como uma língua a ser ensinada. 2) Nomes populares, aqueles que são conhecidos pelas pessoas em geral, para além da classificação taxonômica, como tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*), Ararajuba (*Guaruba guarouba*), ou Ariranha (*Pteronura brasiliensis*). Muitas vezes se referem a nomenclaturas locais. 3) Nomes individuais, ou como trato aqui, nomes pessoais. São nomeados alguns animais, sobretudo cativos, que podem ser animais carismáticos ou não. Os nomes são atribuídos pelos profissionais do zoo e, vez ou outra, podem não ser reconhecidos pelo grande público em geral. Em outro artigo para publicação futura, explanarei melhor a questão da nomenclatura animal em zoológicos.



me convidaram para uma aproximação como eles, porém não tive coragem.

O tratador tocou com a vara no dorso do animal para que se afastasse um pouco e pudesse limpar o local. O crocodiliano respondeu balançando sua cauda de lado a outro, voando lama para todos os lados, inclusive em Magno. Eduardo esfregou o local com a vassoura e olhava o bicho, que se aproximou do outro, perto da parede do recinto. Os animais não se mexeram até a nossa saída e enquanto o tanque enchia, os visitantes observavam tudo, ao que me parecia, fascinados.



Figura 2 – Barradas e Rincón esfregam o chão próximo a Alcindo
Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2019.



Figura 3 – Rincón próximo a Alcindo
Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2019.

No Parque Zoobotânico havia então dois exemplares⁶ de onça-pintada. A limpeza e a manutenção de seu recinto requerem muitos cuidados e atenção por parte dos tratadores, sobretudo de Magno, que é responsável frequente pelo manejo animal.

Em um dos projetos do Museu Goeldi, o *Viva Amazônia*, voltado para a divulgação científica sobre o bioma amazônico e os acervos da instituição, possui formato de séries de reportagens multimídia, acompanhadas de vídeos, *gifs* e brindes especiais

⁶ As onças se chamavam Guma e Luakã, esta última continua no local. Guma faleceu aos 19 anos na terça-feira dia 7 de abril de 2020. O felino era idoso e se recuperava de uma cirurgia em que lhe foi retirado o baço esquerdo há poucos meses.

direcionados para os usuários da internet. Na série *Aves e Mamíferos* divulgada no site YouTube, o biólogo do Museu José Silva comenta os aspectos físicos e a distribuição geográfica das espécies no continente:

A onça-pintada é o terceiro maior felino do mundo, atrás apenas do tigre e do leão. É uma espécie que tinha uma distribuição geográfica muito ampla, dos Estados Unidos até a Argentina, e hoje está extinta na maior parte dessa área de distribuição. A maior área de ocorrência da onça-pintada é a Amazônia e o Cerrado brasileiro. Entre todos os terrenos, ela se assemelha mais ao tigre que é a preferência por ambientes aquáticos. Ela se atira na água e nada bastante. Ela é capaz de caçar no fundo do rio animais como capivaras e outros animais. Eles não precisam se alimentar diariamente, quando eles capturam uma presa e se alimentam o máximo que podem e ficam até três sem caçar. A onça sempre foi um animal muito caçado por causa do comércio de peles. Esse comércio foi proibido e todo o mundo e atualmente uma grande ameaça é o conflito com humanos, os fazendeiros. Devido à perda do habitat as presas desaparecem e a onça tende a buscar os animais domésticos. (MACIEL; LOPES, 2015a)

A espécie – de mamífero carnívoro, o maior felino das Américas –, é emblemática da fauna brasileira, ameaçada de extinção na categoria vulnerável (MORATO et al., 2018). Pode ser encontrada no cerrado, na caatinga, no pantanal e em florestas tropicais. Em seu ambiente natural, as onças podem viver de dez a doze anos; fora do habitat natural, vivem cerca de vinte anos – Bemp, a última onça-preta que residiu no Museu Goeldi, viveu por 22 anos. A coloração do pelo serve como camuflagem para proteção e ataque às suas presas (MORATO et al., 2018). Ao contrário da maioria dos felinos, a onça não mia. Sua vocalização é semelhante a um ronco forte, denominado de esturro. Para demarcar seu território, arranha árvores e urina com frequência.

A espécie foi tema de pesquisa antropológica recente realizada por Felipe Sussekind (2010) no bioma do Pantanal, a partir de uma pesquisa etnográfica que acompanhou os desdobramentos de dois estudos científicos sobre onças-pintadas em fazendas de gado na região do Pantanal do Mato Grosso do Sul, entre os anos de 2006 e 2008. O autor descreve as redes de práticas dos coletivos humanos em relação ao animal a partir dos dispositivos de rastreamento, captura e espreita que envolve seus estudos, e que definem a rede sociotécnica designada como “rede-onça”.

Até a década de 1970, as populações de onças-pintadas se viram fortemente afetadas pelo comércio internacional de peles. Atualmente, a expansão humana, com sua consequente pressão por utilização de terras, acarreta a perda de habitat do animal; somados a isso, a caça e o tráfico também tornam o felino um potencial predador de gado em fazendas no Pantanal, como retratado por Sussekind (2010), o que a envolve uma rede violenta de conflitos: a retaliação das ações do animal por parte dos fazendeiros, que culmina em problemas conservacionistas, ecológicos e éticos.

Guma e Luakã foram vítimas da degradação das florestas, seu habitat natural. No



mesmo vídeo mencionado anteriormente sobre as onças, a bióloga Tathiana conta brevemente sobre a história da onça Guma desde sua apreensão até a chegada ao Parque:

O Guma é um animal com uma idade um pouco mais avançada e tem por volta dos doze anos de idade. Ele veio também de uma apreensão do IBAMA. É um animal criado em cativeiro, foi domesticado e acumulou uma série de problemas devido essa criação de forma errada. A Luakã é um animal que chegou pra gente em torno de um ano de idade, ela chegou também através de apreensão do IBAMA, tava sendo criada também de forma errônea, em residência. Infelizmente não era possível reintroduzi-la na natureza, por isso ela ficou com a gente. Ela não teve tantos problemas quanto o Guma. A gente faz a alimentação em dias alternados porque não é necessário comer todos os dias, porque os animais estão em cativeiro e não gastam tanta energia, como se estivessem na natureza. Fazemos uma alimentação variada com a carne, eventualmente o frango e algumas presas vivas, como forma de estimular a caça no animal que é um comportamento natural da espécie. (MACIEL; LOPES, 2015a)

Tathiana comentou as dificuldades enfrentadas pelo local ante a reprodução da espécie:

As onças podem gerar até quatro filhotes por ninhada. A reprodução no parque não é estimulada. Infelizmente a gente não tem área pra isso, não temos uma maternidade. Precisamos de uma área maior para o encontro de um macho com uma fêmea e um filhote. Hoje nós não estimulamos. Já fizemos uma tentativa de aproximação do Guma com a Luakã. Infelizmente não foi bom, ele foi bem agressivo. Então, a gente resolveu retroceder e eles vivem em espaços separados. (Tathiana, idem, ibidem, em entrevista para a série *Aves e Mamíferos*).

A onça Luakã chegou ao Museu em 2009, após ser resgatada de uma situação crítica em Anajás, arquipélago do Marajó (PA), pelo IBAMA. Na época, o Museu Goeldi tentava promover a aproximação entre Guma e a onça recém-chegada. Todavia, o “namoro” não se concretizou, visto que especialmente Guma já vinha apresentando a perda de seu comportamento natural e Luakã reagiu de maneira agressiva ao convívio. Assim, cada uma das onças ficou em seu espaço, recebendo estímulos e tratamentos diversificados da equipe técnica.

Certo dia, acompanhei o manejo das onças. Magno e eu entramos na área externa ao recinto, abrimos um pequeno portão frontal. Essa área mantém uma distância que separa a jaula das onças do público por meio de um cercado. Primeiro o tratador se aproximou, chamando Luakã, e brincou com ela. Colocava os dedos entre o gradeado da jaula tocando em seu focinho enquanto o felino ameaçava abrir a boca para morder e apenas mostrava os dentes. Em seguida me disse que iria entrar e limpar o recinto, e aproveitei para perguntar se, quando estava lá, ele tocava no animal (“Tu pega nela, Magno?”), ao que o tratador respondeu: “Não, a brincadeira dela é essa aqui”.

O tratador continuou brincando com Luakã e depois me convidou a entrar na



área interna do recinto dos animais. E perguntei: “Alguma das duas é mais agitada?”. O tratador respondeu: “Ele é mais tranquilo que ela. Ela, principalmente na hora da comida, que se põe, fica mais agressiva ainda.”. Inicialmente fomos pela parte lateral do recinto e entramos em um corredor estreito, onde ficavam as instalações da área de manejo. A palavra manejo se refere tanto ao conjunto de práticas conservacionistas, ou aos cuidados em relação ao animal, quanto a uma antessala de contenção das espécies.

Magno, por uma pequena abertura, chamou Luakã repetidas vezes e a onça foi ao seu encontro. O tratador, então, puxou uma corda atada em uma roldana e ergueu o portão. Depois foi a vez de Guma, que seguiu os primeiros chamados do tratador. Ambos estabeleceram uma comunicação muito afetiva entre si.

Entramos na parte interna do recinto por uma pequena porta, sendo necessário que nos abaixássemos para passar. O chão é feito de terra batida e estava um pouco úmido e cheio de folhas devido ao período de chuvas. O tratador, que levava os instrumentos de limpeza, vassouras, balde, entre outros, observou as fezes dos animais pelo recinto e os restos de comida. Foi até o manejo, olhou novamente os felinos e me disse que as duas estavam “muito bem!”. Então, indaguei sobre o que buscava observar no recinto, e Magno respondeu:

- A gente observa o comportamento deles, pra se vê se tem uma lesão ou alguma coisa pra poder passar pros veterinários, lá. Ver se ela tá bem. O alimento quando a gente põe à tarde, vê se comeram tudo.
- Elas se alimentam quantas vezes na semana?
- Elas comem em dias alternados. Comeram domingo, não comeram ontem, aí vão comer hoje. Devido o espaço ser pouco para elas se movimentarem aí se comer muito engorda muito. Vieram pra cá pequenos (Magno, relato de campo, 2019).

Magno ressaltou que suas observações se voltam principalmente ao comportamento animal, capaz de indiciar o estado de saúde e as condições em que este se encontra. O tratador continuou varrendo e retirando as fezes, que são guardadas num coletor de lixo. Depois usou um ancinho para retirar o excesso de folhas e acrescentou: “Aí, depois vamos limpar o Gaiolão [viveiro com várias espécies de aves], no caso, da área do Barradas. A gente não faz uma coisa só da nossa área.” E continuou: “Aqui a gente enche de folha, mas como tem muita chuva, aí enche de lama.” Segundo Magno, os animais gostam de chuva, se refrescam e até se divertem bastante quando caem águas torrenciais.

Após terminar a limpeza, o profissional trocou a água dos bichos, visto que dentro do próprio viveiro há um sistema de encanamento instalado para facilitar a limpeza e o abastecimento das onças. Saímos do viveiro pelo mesmo local que entramos, e o tratador puxou o manejo novamente para liberar os animais.

Durante o manejo, o tratador bateu com a mão na porta chamando Guma,



que se divertia com a porta do manejo subindo e descendo. “Quando a gente chama ele, às vezes quer brincar”, contou Magno. Guma se deitou e continuou a brincar. “É o bicho mais preguiçoso”, acrescentou o tratador sorrindo, e insistiu em chamar por Guma, mas a onça não deu muita atenção e seguiu pulando e brincando com o portão. Ficamos mais alguns minutos, até que o tratador desistiu e deixou a área de contenção aberta; disse que depois ele sairia “naturalmente”.

Sobre as onças, Magno ainda comentou: “É um bicho totalmente rápido. Toda vez que abre o manejo e ela entra, a gente prende”. Em seguida perguntei: “Já aconteceu de alguém ter algum descuido?”. O tratador respondeu: “Já, uma vez com outro tratador, quase ele se viu com ela”, me explicando que o outro profissional não havia fechado muito bem, e o animal quase esteve livre para atacá-lo.



Figura 3 – Magno e Luakã
Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2018.



Figura 4 – Guma em seu recinto
Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2018.

A ariranha é o maior mamífero semiaquático da Amazônia, um mustelídeo pertencente à subfamília das lontras. A espécie se destaca pelo comprimento, podendo alcançar até 1,80 metros. Sua cauda forte e achatada funciona como uma espécie de leme, e suas patas possuem membranas interdigitais, o que as tornam excelentes nadadoras (CARTER; ROSE, 1997). Devido à caça predatória e à destruição de seu habitat, essa espécie encontra-se seriamente ameaçada de extinção⁷.

⁷ A caça comercial para o comércio internacional de peles de animais no século XX dizimou muitas populações de animais selvagens na Amazônia (RODRIGUES et al., 2018). Os impactos variaram sig-

Nesse dia, eu seguia Magno, e enquanto caminhávamos em direção ao recinto, já nos era possível escutar aos gritos as ariranhas. À distância é possível ouvir os sons porque, segundo o tratador, as ariranhas “sentem a ida da gente (pelo cheiro da comida e do tratador) e também o estresse dela”.

A espécie emite sons agudos para se comunicar com outros integrantes do bando; por isso, seus ruídos podem ser ouvidos de longe, atraindo os visitantes até o recinto localizado no meio do Parque Zoobotânico. Atualmente, há dois exemplares de ariranhas, Castanha e Pupunha, que segundo Magno seriam colocadas no mesmo lado do recinto para diminuir o estresse sofrido pela vida em cativeiro. Magno contou um pouco sobre a história dos animais:

- Primeiro elas se criaram juntas, chegaram pequenas aqui. Aí colocaram um macho lá, uma engravidou aí o macho morreu. Aí depois que tinham filho, o filho dela morreu também, aí começaram a brigar depois. Depois elas foram separadas e agora a gente está tentando juntar de novo.
- E já rolou um ataque ou algo assim em relação a vocês?
- Não, porque toda a limpeza a gente faz e elas ficam no manejo. Eu não acredito que elas atacam não (Magno, relato de campo, 2019).

Havia também um macho, chamado Êre, que vivia junto a uma fêmea que morreu por complicações durante o parto. Sobre a agressividade⁸, o tratador não acredita que as ariranhas sejam “tão agressivas”; porém, devido ao cativeiro, há um protocolo de manejo segundo o qual os animais devem ficar presos enquanto se realiza a atividade de limpeza, que é feita semanalmente.

nificativamente entre diferentes espécies e regiões, dependendo da intensidade da caça, da acessibilidade do habitat e da resiliência inerente de várias espécies e seus habitats, como visto em artigo recente (PIMENTA et al., 2018). Segundo os pesquisadores, nas últimas décadas, populações de ariranhas gigantes retornaram a algumas partes do alto rio Negro – parte de uma recuperação generalizada dos ecossistemas nos territórios da população local, resultado da proibição de exportação de peles de animais, da demarcação de terras indígenas e do conhecimento local para a conservação da biodiversidade, sobretudo dos povos Baniwa. Segundo o *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (RODRIGUES et al, 2018) a espécie é classificada como vulnerável (VU) correndo riscos de extinção no futuro.

⁸ As ariranhas também são conhecidas como onças d’água e são territorialistas, se agrupando em até vinte indivíduos. No YouTube, há vídeos de ariranhas expulsando onças de seu território. Mas sem dúvida o acidente de 1977, no zoológico de Brasília, fez com que a espécie se tornasse temida por muitos brasileiros. Naquele ano, o sargento do Exército Sílvio Delmar Hollenbach saltou no tanque das ariranhas para resgatar um garoto de 13 anos que havia caído no local. O jovem se salvou, mas o sargento não suportou as mais de cem mordidas e, três dias depois, morreu no hospital. Já em seu habitat “natural”, como no Alto Rio Negro, a bióloga que conduziu a pesquisa citada anteriormente (nota de rodapé, p. 7) concedeu uma entrevista à BBC Brasil e comentou sobre tal aspecto: “Se alguém chega no ambiente delas, elas vão para cima para se defender, ainda mais se estiverem com filhote”, diz Natália Pimenta. Para a bióloga, o comportamento de ariranhas em zoológicos, onde vivem confinadas e estressadas, deve ser relativizado. “Nunca ouvi nenhum relato de ataques de ariranhas a pessoas em ambientes naturais”, afirma. (FELLETT, João. Após serem quase extintas, ariranhas retornam a rios na Amazônia. **BBC News Brasil**. 6 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45039988#orb-banner>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

Chegamos ao recinto, e Magno visualizou rapidamente as ariranhas, que já se agitavam para receber a alimentação⁹. A espécie é carnívora, e no parque se alimenta de peixes todos os dias e eventualmente de frango. Porém, a alimentação só seria servida após o manejo, visto que a agitação pode influir diretamente sobre a digestão do animal, fazendo-o “enguiar”¹⁰ segundo Magno. O tratador interagiu com o animal, tocando em seu focinho.

Magno me falou novamente que a espécie não é agressiva como se pensa, e que apenas “indo para cima dela, no território, que revidaria” contra um invasor ou uma potencial ameaça. A ariranha ficou por mais tempo perto do tratador, que depois foi em direção à outra. Verificou se havia algum resto ou vestígio de alimento no chão, e água em seus pequenos tanques; quase não havia, o que significava que estavam bem.

Perguntei ao profissional se Castanha e Pupunha estavam preparadas para o manejo. O tratador me disse: “Olha, ontem colocaram e não brigaram”. Magno decidiu não realizar o trabalho sozinho; ponderou que além das dificuldades inerentes a tal tarefa, não estava presente no dia anterior, quando foi realizada a primeira experiência de colocá-las no mesmo recinto (estava de folga, por ter trabalhado durante o plantão no final de semana anterior). Magno me pediu para esperar, foi até a Sala das Biovets (Biólogos e veterinários) e falou com Tathiana, que contactou Messias Costa.

Por volta das nove horas da manhã, eu estava junto a Magno, em frente ao recinto das ariranhas. Chegaram ao local Aline, Dilrya e Messias, e traziam consigo dois puçás e um extintor de incêndio, objetivando a realização do manejo. O tratador prendeu Pupunha no manejo, para que, quando abrissem o portão do gradeado que separava ambas as ariranhas, Castanha fosse ao encontro de Pupunha; só então, abririam o manejo.

Messias se demorou um pouco comigo, conversando sobre o andamento da pesquisa, e perguntou jocosamente se estava sendo bem tratado pelos profissionais. Ficamos conversando, Messias, Magno e eu, enquanto as ariranhas permaneciam se comunicando: uma pelo lago, bastante agitada, e a outra no manejo, sob a estrita observação de Dilrya.

Após a conversa, Messias pediu para que eu me afastasse do local: meu cheiro poderia atrapalhar durante o processo. “Meu amigo, você é um cheiro estranho para elas, poderia nos aguardar ali naquela área?”, e respondi afirmativamente, “Tudo bem!”, e Messias completou: “Porque o cheiro altera o comportamento delas!”. Então, fui até a entrada

⁹ Em outro vídeo componente da série *Aves e Mamífero* (MACIEL; LOPES, 2015b), voltado às ariranhas, a bióloga Tathiana explica o manejo alimentar dos indivíduos: “A gente procura variar os tipos de peixes que são oferecidos para que não enjoem. Eventualmente se alimentam de frango”. A profissional também destaca a vocalização da espécie: “São animais que aparentam ser bem brincalhões, eles vocalizam muito, quando o público chama ele responde vocalizando, se mostrando, subindo no tronco próximo ao público, mas ainda assim, são animais extremamente agressivos. Subir no recinto para ver o animal não recomendamos, é um animal carnívoro, agressivo, podemos apreciar o animal, interagir com ele, mas dentro dos limites que o recinto nos dá”.

¹⁰ Na região, “enguiar” significa regurgitar.



do recinto pela via de acesso para os profissionais da Fauna. Quando Messias falou: “Vamos lá pessoal. Magno, abra lá o manejo dela, por favor.”

Afastei-me do recinto de modo a ficar na entrada da área de manejo, atrás do espaço pelo qual os trabalhadores da fauna têm acesso especial. Fiquei em uma posição, portanto, que dificultou parcialmente minha visão, devido à própria construção. Pela altura do tanque, vi o movimento dos animais através de suas cabeças. Notei a cabeça de Castanha: ela se movia pelo lago, de um lado a outro, e, em seguida, foi ao encontro de Pupunha. De imediato, as ariranhas interagiram vocalizando bem forte e se moveram em semicírculo pelo tanque. Pouco depois, as duas se atacaram e vocalizaram fortemente. Messias e Dilrya se agitaram e gritaram bastante no início, tentando chamar a atenção das duas – os tratadores observavam o episódio com preocupação. Todos estavam fora do recinto.

Logo, Messias e Magno começaram a correr em direções opostas, ao redor da área de manejo, de modo que Magno buscou um extintor de incêndio e Messias pegou um puçá. As duas continuavam se atacando na água, e enquanto Dilrya gritava por Pupunha, a veterinária Aline correu para chamar o tratador Eduardo, que em seguida chegou portando uma rede para captura, com o tratador Nazareno e a bióloga Tathiana. Para separá-las, eram necessárias a captura e a imobilização, com aquele material, de um animal por vez.

Magno, que havia subido o gradeado do recinto, disparou com o extintor uma rajada de gás entre os animais para que se afastassem, e as veterinárias tentavam atrair Pupunha para o manejo. A equipe preferiu o lançamento de mais rajadas próximas à ariranha, para dispersá-la; até que, em meio ao atordoamento, os profissionais atraíram o animal para a área de manejo com pedaços de peixe.

No momento em que uma ariranha foi presa, os tratadores e Messias entraram no recinto. Inicialmente foi imprescindível a cautela. Todos observavam a ariranha, que não parava de emitir seu som estridente. Eduardo segurava um puçá, e Messias e Nazareno, a rede, se alinhando de forma a produzir um cerco em relação ao animal, para a sua imobilização.

A ariranha continuava a gritar sem parar, desorientando os tratadores, que se mantinham juntos e desviavam de suas investidas. O animal não deixava os tratadores se aproximarem o suficiente, de modo que foi necessário outra rajada de gás com o extintor contra o chão. A cada ataque da ariranha, os profissionais se afastavam rapidamente, segurando os materiais de contenção. Magno lançou mais jatos com o extintor, e o animal recuou em certo momento; os tratadores avançaram e lançaram a rede para a captura. A ariranha gritava e pouco se mexia na rede.

Os profissionais colocaram Pupunha em seu lado no recinto e soltaram Castanha do outro lado. Após o manejo das espécies, conversei rapidamente com Magno, que vinha em minha direção: “Elas se feriram?”. Magno: “Na briga. Ontem eles as colocaram juntas e



disseram que não brigaram.” Depois, Eduardo veio falar com Magno sobre a alimentação que seria servida, e acabei perguntando sobre o que havia acontecido para o tratador: “Rola muita porrada! Ontem aconteceu, e já tinha acontecido”, então, continuei: “E tu achas que dá pra juntar?”. Eduardo completou: “Não, duas vezes que junta e elas brigam.”

Assim, o manejo não ocorreu como esperado. Os animais atuam vivamente com os humanos no parque, e o cotidiano ali é marcado pelas práticas e por encontros arriscados. Os animais participam, de forma ativa, da vida social local, sempre respondendo a ações dos tratadores com seus interesses e afetos, o que torna imprescindível a orientação cuidadosa de suas práticas conservacionistas, baseadas em suas experiências, observações e interações diárias.

Tais experiências entre agentes são o efeito de sua convivialidade, anos de observações cuidadosas, curiosas e responsivas, de trabalho e de compartilhamento de suas vidas no zoo. Seus encontros envolvem improvisações arriscadas, repulsas, afinidades e estranhamentos, que inventam novas formas de viver cotidianamente, na medida em que tecem suas vidas conjuntamente.



Figura 6 – A ariranha em seu recinto
Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2018.



Figura 7 – Magno interagindo com a ariranha chamada Pupunha 2018. Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2018.



Figura 8 – Pupunha devorando sua alimentação
Fonte: Matheus Pereira da Silva, 2018.

SOBRE ENCONTROS E ETNOGRAFIA INTERESPÉCIES NO AMBIENTE CATIVO

Durante o trabalho no campo, busquei seguir os encontros entre humanos e animais, de acordo com o manejo específico a cada espécie imersa em seu ambiente cativo no zoo. Ao acompanhar os tratadores, é possível atentar para as práticas conservacionistas e o manejo animal, o que implica conhecer diferentes atividades e ritmos que movimentam a vida social no local. Nas próprias caminhadas com os tratadores criamos uma habilidade para segui-los e observá-los em ação (PEREIRA DA SILVA, 2019).

Os encontros interespécies ocorrem nos recintos a partir da intensa intervenção humana por meio do manejo realizado e pelo controle exercido sobre a vida não humana, de modo que a estrutura dos recintos tem um papel fundamental em mediar, organizar, gerir e possibilitar as interações. Além disso, os recintos evocam o confinamento da vida como um objeto de poder político na operação de preservação de espécies ameaçadas de extinção (CHRULEW, 2011), na medida em que eles mediam formas de controle sobre o corpo animal, agem objetivando a continuação de suas vidas, seu bem-estar e sua qualidade de vida em meio urbano – segundo seus critérios, baseados no conhecimento técnico-científico dos profissionais e nos protocolos de manejo e conservação.

O modelo de conservação e gestão da natureza amplamente aceito em zoológicos trabalha baseado em práticas *in situ* e *ex situ*, que estão unidas em um sistema de significados e símbolos acerca do governo da natureza (BRAVERMAN, 2014). Por um lado, *in situ* é definido como conservação no ambiente natural, ou selvagem, enquanto no outro extremo, *ex situ* é a conservação fora do local de origem, não natural ou em cativeiro.

Os termos são utilizados amplamente por especialistas em conservação e zoológicos, e servem como substitutos convenientes para termos como “natureza”, “selvagem” e “cativeiro”, visto que enfrentam resistência de ativistas ligados aos direitos dos animais e ao bem-estar animal, quanto a manter animais em cativeiro (BRAVERMAN, 2011). No lugar das associações negativas do termo “cativeiro”, por exemplo, o termo em latim *ex situ* destaca a caracterização científica desse trabalho como parte da conservação.

O uso de estratégias de conservação fora do ambiente natural (*ex situ*) tem o papel de alcançar o maior número de populações protegidas, em uma abordagem preventiva de manutenção da biodiversidade. A manutenção em cativeiro é considerada uma estratégia de conservação *ex situ* devido ao seu potencial para criar uma população de reserva para espécies ameaçadas, ou mesmo para aquelas espécies que estão extintas (ou extirpadas) na natureza e que podem ser reproduzidas e reintroduzidas



em outros ambientes.

Cada recinto possui sua arquitetura característica, que leva em consideração o animal cativo. Assim, os cuidados e manejos necessários para a entrada estão relacionados à espacialidade da instalação e os elementos que o configuram, como os gradeados e as cercas de ferro, poleiros de madeira, tanques de concreto, a flora, entre outros materiais que operam certos dispositivos do zoológico para maior visibilidade, controle e exibição do animal (SILVEIRA, SILVA, 2015).

Ainda que os recintos em zoológicos sejam adaptados às populações, os animais têm em comum a experiência de estarem instalados no centro das exposições no ambiente cativo dentro de uma relação hierárquica com o observador humano. Para o escritor John Berger, os animais exibidos nos zoológicos expressariam historicamente suas relações com humanos na cultura capitalista (BERGER, 2009, p. 24). Com isso, são marginalizados, e sua separação, reificada, através dos variados designs e arquiteturas que os aprisionam. Portanto, “o zoológico no qual as pessoas vão encontrar animais, observá-los, vê-los, é de fato um monumento à impossibilidade de tais encontros” (BERGER, 2009, p. 19).

Ralph Acampora (2005) escreve sobre as relações paradoxais entre os zoológicos modernos e a pornografia, na medida em que a natureza dos animais é invisibilizada pela exposição excessiva destinada ao consumo e entretenimento humanos. Os animais são degradados e marginalizados através do marketing e do consumo de suas imagens sob o ideal da conservação da natureza.

As relações visuais também são fundamentais para o manejo dos tratadores. O olhar dos profissionais relaciona-se ao exercício de poder (SILVEIRA; SILVA, 2015) – em suas percepções e intervenções diretas sobre o corpo do outro –, ao encarcerar o vivo e atuar sobre ele, mediante dispositivos de produção do seu bem-estar, em uma lógica de regramentos que visam à sua conservação.

Suas observações se realizam desde a entrada no local até a aproximação e interação com animais no interior do recinto, o que exige uma atenção frequente para se evitarem “descuidos” e acidentes no local. As entradas costumam ocorrer com cautela: o tratador analisa a posição do animal no recinto e observa, previamente, a melhor forma para estabelecer o contato a partir de seus gestos e movimentos, quando traz consigo equipamentos (pratos, remédios, varas, vassoura, entre outros utensílios), de acordo com a tarefa que executará no recinto. Mesmo os menores movimentos podem configurar uma ameaça para a percepção de alguns animais, colocando tanto a vida do tratador quanto a do animal em risco.

Outro ponto é que o espaço limita as relações entre tratadores e animais, seja pela materialidade do recinto ou pela construção social do corpo animal enjaulado



como perigoso. O isolamento dos animais em recintos significa “proteção” e “segurança” dos humanos. Enjaular as espécies significa produzir a sua animalidade através do confinamento, exposições e manejos realizados.

Segundo o antropólogo Garry Marvin (2008), as configurações espaciais e arquitetônicas constituem o dispositivo do zoológico na criação da representação coletiva do animal de zoológico¹¹; esta última se efetiva através da teatralização que envolve humanos e animais (observadores e observados), organizados no complexo distanciamento relativo ao ato de “guardar” o animal sob as dependências e proteções do humano (visto que no zoológico o animal está impossibilitado de partir, permanecendo sob observação constante). Assim, toda a espacialidade e a arquitetura dos recintos passam por um processo de configuração do recinto como “lar”, mesmo que provisório, de alguns animais, ao passo que suas grades e instalações operam uma separação material e semiótica entre humanos e animais não humanos.

Mesmo entre indivíduos da mesma espécie (relações intraespecíficas), há uma série de limitações em função do cativeiro, orientadas pelo objetivo conservacionista. As espécies como as que descrevi ao longo do texto, onças, ariranhas e jacarés-açus, têm suas interações intraespecíficas limitadas pelos critérios de manejo e de manutenção das espécies em cada recinto. Os profissionais consideram o histórico do animal quanto a relações com outros indivíduos, sua agressividade, competição, questões reprodutivas, entre outros aspectos fundamentais para a convivência intraespecífica.

Normalmente, em recintos como os das onças e das ariranhas, os indivíduos ficam separados, e para que a manutenção do espaço, a alimentação dos animais e outras atividades sejam realizadas é preciso conduzir os animais ao manejo a já mencionada pequena “antessala” de contenção. Como comentei anteriormente, o manejo se refere, além do espaço, a um conjunto de práticas e ações dos profissionais envolvendo a manutenção dos animais e a sustentabilidade das populações.

Com isso, o manejo e suas relações diárias permitem repensar o “campo” enquanto local de *encontros interespecíficos*, onde humanos e não humanos se reúnem através de culturas, histórias, políticas e naturezas. Os encontros também ocorrem entre seres de origens biologicamente diferentes, imprescindíveis para essas histórias e para

¹¹ A aplicação da categoria “selvagem” a animais que vivem em zoológicos é problemática. Segundo o antropólogo Garry Marvin (2008) o animal de zoológico pertence a outro registro de identidade coletiva devido ao seu modo de vida e à contínua exposição à presença humana, visto que seu papel é atribuído e ele é jogado dentro do dispositivo do zoológico de onde emerge a identidade e o significado cultural de sua espécie. O animal de zoológico, segundo Marvin, seria pensado como um animal “liminar” na medida em que está entre o selvagem e o doméstico, quando habitam o espaço do zoo; e, da maneira como são imaginados, também se tornam representantes e representações de animais de outros lugares, mais precisamente do local a que pertencem “naturalmente” – não raro, degradado. Desse modo, há a persistência de uma distância, que se manifesta de maneiras diferentes e decisivas na percepção ou na categorização de um animal como selvagem.

a criação de mundos interespecies. As espécies dependem de outros seres, coisas e aparelhos que são ativos na produção de sua existência (KIRKSEY, 2015).

O conceito de interespecies se relaciona parcialmente ao trabalho da taxonomia biológica ocidental e reconhece a existência de muitas outras maneiras de classificar e categorizar formas de vida (LIVINGSTONE; PUAR, 2011, p. 4). Outro aspecto desse conceito a se pontuar é que ele aceita uma diferença ontológica entre formas distintas de vida biológica (*espécie*), mas investiga os limites dessa distinção e a imprecisão de tais fronteiras a partir dos processos sociais e afetivos – quando as barreiras e a hierarquia do sistema classificatório são subvertidas ou refeitas (LIVINGSTONE; PUAR, 2011).

Essas noções nos forçam a pensar uma antropologia “que não se limita somente ao humano, mas que está preocupada com os efeitos dos nossos emaranhamentos com outras espécies de seres vivos” (KOHN, 2007, p. 4, livre tradução). Donna Haraway, em seu livro *Manifesto das espécies companheiras* (2003, livre tradução), chama atenção para as relações entre humanos e animais, as denominadas “espécies companheiras” com as quais vivemos juntos e tecemos laços sociais. Os agentes se constituem uns aos outros e não preexistem às relações tecidas (HARAWAY, 2003, p. 6).

Segundo a autora (HARAWAY, 2003, p. 20), pensando a partir de Marilyn Strathern, haveria conexões parciais (*partial connections*) nas quais as espécies não seriam definidas por serem nem totalidades, nem partes. Antes, suas relações se manifestariam por entrelaçamentos, fluxos multidirecionais, definidos como uma história de coabitação, coevolução e relações corporificadas interespecies. Espécies emergem como modos de vida que implicam maneiras diferentes de conhecer, sentir e ser afetado.

No entanto, espécies funcionam como um tipo lógico ou uma categoria de análise, ao colocarem em relações diversas outras espécies companheiras que não se resumiriam a um artefato, coisa, humano ou organismo. Espécies são cheias de outras; cheias de outros companheiros, e isso atestaria seu caráter oximorônico: “toda espécie é uma diversidade de outras espécies” (HARAWAY, 2008, p. 165, livre tradução minha). Tal aspecto certamente critica o excepcionalismo humano e suas posições na cosmologia ocidental (projeto de modernidade), enquanto unidade de dominação sobre a natureza.

Desse modo, este estudo segue o foco da etnografia interespecies e argumenta que precisamos reconsiderar as (des)continuidades entre humanos e espécies companheiras sencientes¹², além de considerar como as vidas se configuram em conjunto por meio de suas interseções sociais, históricas e ecológicas (LOCKE, 2017; SILVEIRA; SILVA, 2015, 2017). Tal tarefa nos impele a traçar conexões transversais com outros campos de

¹² Segundo o etólogo cognitivista Marc Bekoff (2010), sciência animal diz respeito à capacidade de sofrer, sentir prazer ou felicidade, ou seja, sentir, *ser afetado*. A palavra combina os termos “sensibilidade” e “consciência”, o que indica intencionalidade e moralidade na ação e na afetividade de animais.

estudos e áreas de conhecimento para além das fronteiras classicamente estabelecidas entre humanidades e ciências naturais – neste caso, a fim de compreendermos os laços interespecies, os impactos das interações em todas as partes e as implicações conservacionistas no zoo.

NOTAS FINAIS

O Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emilio Goeldi é uma área verde urbana de enorme importância socioambiental, um patrimônio da cidade de Belém e do país, e desempenha papel importante na conservação *ex situ* de espécies amazônicas ameaçadas de extinção em seu zoo. Trata-se de um local onde pessoas buscam a proximidade com a biodiversidade de maneira a exercerem suas práticas de lazer e interação com as múltiplas espécies que vivem ali.

O zoo trabalha ativamente com a disseminação de questões relativas à conservação da biodiversidade e com a sensibilização ambiental, objetivos considerados “aceitáveis” para justificar a manutenção de animais em cativeiro. Nesse ambiente, cada animal deve simbolizar sua espécie e o lugar dela na natureza. Em outras palavras, eticamente, manter animais silvestres em cativeiro é “aceitável” porque serve a seus pares no exterior e à natureza em geral.

A etnografia buscou seguir os encontros entre tratadores e animais e seus modos específicos de interação em recintos ao voltar a atenção para suas agências durante o manejo programado. Enfoquei em como o trabalho no campo e os encontros interespecies são realizados, em seus cuidados, interações, objetivos e riscos diários. Pude observar que os movimentos e as ações no zoo são limitados e parcialmente controlados pelas estruturas do local.

Acompanhar essas atividades também permitiu a reflexão sobre a emergência dos conhecimentos dos tratadores e seu papel em relação à manutenção da vida das espécies e à conservação da biodiversidade; bem como forneceu elementos para se pensar as próprias práticas de manejo que são direcionadas aos animais. O manejo animal é baseado em anos de observações cuidadosas, curiosas e responsivas, de trabalho e de compartilhamento de suas vidas no zoo.

Por fim, a experiência etnográfica interespecies atentou para o trabalho e a dedicação dos profissionais em seu cotidiano: seu conhecimento e sua experiência, aplicados para entender e mitigar os impactos comportamentais da vida em cativeiro, e para fazer as adaptações necessárias. Assim, os encontros interespecies são pensados a partir de práticas conservacionistas que assumem um direcionamento moral para redesenhar a natureza no zoo.



REFERÊNCIAS

- ACAMPORA, Ralph. Zoos and eyes: contesting captivity and seeking successor practices. **Society and Animals**, v. 13, n. 1, p. 69-88, 2005.
- BEKOFF, Marc. **A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais: um estudo científico capaz de transformar a maneira como os vemos e tratamos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.
- BERGER, John. **Why look at animals?** London: Penguin Books, 2009.
- BRAVERMAN, Irus. Captive for life: conserving extinct in the wild species through ex situ breeding. In: GRUEN, Lori (Org.) **The Ethics of Captivity**. 2014. Disponível em: <https://digitalcommons.law.buffalo.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1081&context=book_sections>. Acessado em: 14 ago. 2020.
- BRAVERMAN, Irus. Conservation without nature: the trouble with in situ versus ex situ conservation. **Geoforum**, v. 51, p. 47-57, 2011.
- CARTER, S.K.; ROSAS, F.C.W. Biology and conservation of the giant otter *Pteronura brasiliensis*. **Mammal Review**, v. 27, 1997, p. 1-26.
- CHRULEW, Matthew. Managing love and death at the zoo: The biopolitics of endangered species preservation. **Australian Humanities Review**, v. 50, n. 1, 2011.
- GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. **O bem-estar dos animais: proposta de uma vida melhor para todos os bichos**. São Paulo: Rocco, 2010.
- HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, Donna. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- KIRKSEY, Eben. Species: a praxiographic study. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 21, n. 4, p. 758-780, 2015.
- KOHN, Eduardo. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. **American Ethnologist**, v. 34, n. 1, p. 3-24, 2007.
- LIVINGSTON, Julie; PUAR, Jasbir. Interspecies. **Social Text**, v. 29, n. 1 (106), p. 3-14, 2011.
- LOCKE, Piers. Elephants as persons, affective apprenticeship, and fieldwork with non-human informants in Nepal. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 7, n. 1, p. 353-376, 2017.
- MACIEL, Mayara; LOPES, Victor. **Conheça a onça-pintada - Projeto Viva Amazônia**. 2015a (03m44s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sEM9YbCjQH-c&t=2s>>. Acesso: 30 jun. 2020.
- MACIEL, Mayara; LOPES, Victor. **Conheça a ariranha - Projeto Viva Amazônia**. 2015b (03m05s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2lhhr_xDthI&t=15s>. Acesso: 30 jun. 2020.



- MARIONI, Boris et al. Avaliação do risco de extinção do jacaré-açu *Melanosuchus niger* (Spix, 1825) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, v. 3, n. 1, p. 31-39, 2013.
- MARVIN, Garry. L' animal de zoo: Um rôle entre sauvage et domestique. **Techniques & Culture**, v. 50, n.1, p. 102-119, 2008.
- MORATO, R. G.; BEISIEGEL, B. de M.; RAMALHO, E. E.; CAMPOS, C. B. de; BOULHOSA, R. L. P. . *Panthera onca* (Linnaeus, 1758). In: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (Org.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume I**, v. 2 - Mamíferos. Brasília: ICMBio, p. 353-357, 2018.
- MULLAN, Robert; MARVIN, Garry. **Zoo Culture**. Illinois: University of Illinois Press, 1998.
- PEREIRA DA SILVA, Matheus. **Performando naturezas**. Relações com animais em um zoológico na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 199 f., 2020.
- PEREIRA DA SILVA, Matheus. Caminhos multiespécies de tratadores e animais ao longo do Zoo. **Revista Florestan**, n. 7, p. 108-119, 2019.
- PIMENTA, N. C.; ANTUNES, A. P.; BARNETT, A. A.; MACEDO, V. W.; SHEPARD GH, Jr. Differential resilience of Amazonian otters along the Rio Negro in the aftermath of the 20th century international furtrade. **PLoS ONE**, v. 13, n. 3: e0193984, 2018, p 1-19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0193984>>. Acessado em: 14 ago. 2020.
- RODRIGUES, L. A.; LEUCHTENBERGER, C.; FONSECA DA SILVA. *Pteronura brasiliensis* (Zimmermann, 1780). In: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (Org.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II- Mamíferos**. Brasília: ICMBio, p. 370-375, 2018.
- SANJAD, Nelson et al. Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil: o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 7, n. 1, p. 197-258, 2012.
- SILVEIRA, Flávio da; SILVA, Matheus Pereira da. Acerca do olhar do outro, ou sobre tratadores e animais em cativeiro- Por uma etnografia no zoo em contexto urbano (Belém-PA). **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais: Cadecs**, v. 3, n. 1, p. 54-74, 2015.
- SILVEIRA, Flávio da; SILVA, Matheus Pereira da. Dos galhos às grades: cotidiano e relações interespécies no “Bosque”. Reflexões sobre as interações face a face entre humanos e macacos-de-cheiro (*Saimiri sciureus sciureus*) na cidade (Belém – PA). **Horizontes Antropológicos**, v. 23, n. 48, p. 99-127, 2017.
- SUSSEKIND, Felipe. **O rastro da onça**. Etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal Sul. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 351 f., 2010.

Recebido em: 03/04/2019.

Aprovado em: 20/05/2020.

